

A origem

Há cerca de 400 milhões de anos, a vida começou nos oceanos. Ou seja, somos filhos da água. Apesar de nosso passado aquático, não conhecemos mais que rasos 10 quilômetros de sua profundidade. Cerca de 80% da imensidão continua um enigma para a humanidade, que tão pouco se esforça para preservá-la e estudá-la. Nesse contexto, é muito contrassenso refletirmos sobre a vida olhando para o céu e para as galáxias, ao invés de voltar o nosso olhar para o gerador de toda a vida terrestre: o oceano.

Em um movimento contrário, ações como a Década da Ciência Oceânica, promovida pelas Nações Unidas, permitem-nos vislumbrar um futuro em que é possível manter uma relação saudável e sustentável com o nosso habitat. A iniciativa tem por objetivo focalizar as forças públicas, privadas e civis para atuar em prol da vida marinha, com estudos que englobam várias áreas do assunto e com pesquisas multidisciplinares sobre a relação entre os seres humanos e esses ecossistemas. Ao lado dessa ação, nasceu o movimento chamado “Cultura Oceânica” que busca reconectar o ser humano com sua origem, para que, assim, possamos caminhar para um destino melhor. Toda essa mobilização existe por uma razão: nossos oceanos estão sucumbindo devido à falta de cuidados, e, claro, estamos seguindo o mesmo caminho, tendo em vista que somos um só.

A verdade é que, apesar de sabermos sobre a importância das florestas, os verdadeiros pulmões do mundo são os oceanos, já que mais da metade do oxigênio que respiramos vem das algas marinhas. Ademais, sem eles, não seria possível viver devido ao aquecimento global. Isso porque suas águas absorveram 90% do calor do planeta desde a época pré-industrial. Em suma, os oceanos funcionam como um escoador dos gases que produzimos, protegendo-nos de um mal que nós mesmos causamos ao meio ambiente. Mas o custo disso é a degradação desses ecossistemas, já que eles são os mais afetados pelo efeito estufa. Segundo dados resgatados pelo Instituto Talanoa, 1/4 de todo o gás carbônico, desde a revolução industrial, foi parar no fundo do oceano. Isso gera acidez na água e ameaça a vida nos mares. Esse aquecimento interfere na Terra, prejudicando desde o plâncton, no fundo do mar, até a pessoa que mora na cobertura do mais caro arranha-céu do mundo, ainda que de diferentes maneiras. Buscando meios de combater esses problemas, precisamos tornar mais sustentáveis as formas de gerar energia. Nesse contexto, quando se trata de conscientização da população, é comum vermos cartazes e palestras que visam a informar o indivíduo acerca de suas próprias atitudes. No entanto, apesar de o sacrifício individual ser importante, não é

suficiente, pois precisamos de governos que levem a economia nessa direção e de empresas que se comprometam com o futuro do nosso planeta, visto o impacto que causam.

Além disso, podemos considerar que o fato de o oceano ser tão desconhecido pela humanidade faz com que grandes tragédias só sejam descobertas quando já estão praticamente irreversíveis. Como exemplo disso, podemos citar as manchas de petróleo que chegaram às praias do Nordeste, no início de 2020. Nessa ocasião, vimos um pouco do impacto ambiental desse acontecimento nas nossas vidas e no meio ambiente, o que é apenas uma pequena porção dos danos, pois a maior parte do prejuízo aconteceu nas profundezas dos mares, onde não podemos ver. O cenário se torna cada vez mais triste, não sendo possível afirmar com clareza o quão grave foi o desastre, já que não há pesquisas que constatem como estava a situação dos mares antes do derramamento de óleo. Por isso, é de extrema importância o investimento em pesquisas e na Ciência Oceânica, por parte do governo, pois assim haverá informações mais precisas acerca das consequências de eventos similares. Em consonância, as empresas petrolíferas necessitam, a partir do conhecimento produzido ao investir nesses estudos, de planos mais eficazes para a continência em casos de acidentes como esse. No fim, é importante que, por meio da informação e da educação, as pessoas se mobilizem para agir sempre pensando nos resultados de nossas ações no meio ambiente, e, nesse caso, na vida marinha.

Sendo assim, o que temos hoje que estimule as nossas crianças a pensarem nos oceanos como parte do nosso dia a dia? Em 2012, a oceanógrafa Caroline Schio fundou o Instituto Monitoramento Mirim Costeiro, em Santa Catarina. O objetivo da iniciativa é transformar as crianças em guardiãs costeiras, promovendo ações nas praias, ou mesmo discussões do assunto com a família, para que, dessa forma, elas possam conhecer sobre a importância de preservar o ambiente onde vivem. Por meio de palestras e formação de educadores, o Instituto leva a cultura oceânica para dentro do cotidiano das escolas. Exatamente como precisamos. Afinal, é essencial que as pessoas sejam estimuladas, desde a infância, a pensar no mar como a força vital da Terra. Pois, tendo em mente que no futuro essas crianças ocuparão cargos de liderança no mundo, é fundamental que elas sejam educadas para incluir esse assunto em cada área que diz respeito à sociedade.

Para além de pensar a longo prazo, o que nós podemos fazer hoje ou agora para frear os impactos negativos às águas? O primeiro passo é saber que cada atitude conta. Por menor que seja, ela não está sozinha. Não se trata de ações como desligar a torneira ao

escovar o dente, ou mesmo não jogar lixo na rua: isso tudo não é mais que dever. É sobre apertar um botão nas urnas sabendo que o candidato escolhido tem propostas e se mostra comprometido com a saúde marinha. Além disso, é imprescindível fomentar debates acerca de como podemos nos articular para cobrar grandes empresas e indústrias que, em sua maioria, contribuem muito para a degradação do nosso planeta. No fim, quando surgirem dúvidas sobre o que é bom ou não para o nosso lar, lembre-se de que devemos buscar respostas onde tudo começou.